

JULHO 2022

e·pharma

NEWSLETTER APIFARMA

à conversa com...
**Maria Flor
Pedroso**

PRESIDENTE DO CLUBE
DE JORNALISTAS



Índice

EDITORIAL _____ 03

À CONVERSA COM... _____ 04

Maria Flor Pedroso, Presidente do Clube de Jornalistas

JORNALISMO E SAÚDE _____ 07

EM DESTAQUE _____ 15

LEGISLAÇÃO _____ 16

JORNALISMO DE QUALIDADE PROMOVE A CAPACITAÇÃO DAS POPULAÇÕES

A e.Pharma deste mês é dedicada aos Prémios de Jornalismo em Saúde. Uma parceria criada em 2016 entre a APIFARMA e o Clube de Jornalistas, que tem vindo a crescer em categorias, ao longo do tempo. Este ano introduziu-se o “Prémio Carreira” e na próxima edição, em 2023, haverá uma nova categoria temática.

Este projecto nasceu com o objectivo de reconhecer e valorizar aquele que é um pilar de qualquer sociedade democrática: o jornalismo.

O planeta está cada vez mais unido e, simultaneamente, dividido numa miríade de plataformas às quais todos acedemos com grande facilidade. A informação circula à velocidade de milhões de palavras, imagens e sons por segundo. Vai longe o tempo em que aguardávamos pelos noticiários televisivos das 20h ou pelo jornal impresso da manhã para nos mantermos informados. Hoje, fazemo-lo através de um simples telemóvel, sem hora marcada.

À primeira vista, poderíamos pensar que esta facilidade de comunicação tornaria menos relevante o papel de quem nos traz notícias, de quem nos informa através dos meios de comunicação social. Mas assistimos exactamente ao oposto. A ‘babelização’ da comunicação, com a consequente desinformação que traz associada, torna urgente e necessário o jornalismo preocupado com a qualidade da informação e com o esclarecimento rigoroso do público. Mais do que nunca, é fundamental separar aquilo que são *fake news* daquilo que são notícias credíveis e isentas.

Há uma máxima antiga – mas que não envelhece – que nos recorda que informação é poder. O poder de construir pensamento, o poder de fazer escolhas informadas, o poder de exercer uma cidadania activa. Ora, isso só existe quando temos jornalismo de qualidade, capaz de promover a capacitação das populações.

Consciente deste paradigma, a APIFARMA encara iniciativas como os Prémios de Jornalismo em Saúde enquanto projectos de responsabilidade social. Cabe também às instituições pugnar pela qualidade do jornalismo. E quando falamos em Saúde, torna-se ainda mais evidente a necessidade de primarmos pela difusão de informação verdadeira e rigorosa. Este é também um contributo para aumentar a literacia em saúde no nosso país. Porque o esclarecimento das pessoas é essencial para mais e melhor saúde para todos.



| Nelson Pires

Coordenador do Grupo de Comunicação e membro do Conselho Directivo da APIFARMA



“O facto de termos criado este Prémio em parceria com a APIFARMA colocou o enfoque no jornalismo de saúde como área fundamental.”

à conversa com... Maria Flor Pedroso

O “balanço muito positivo” e a importância do prémio “Jornalismo em Saúde” na promoção de informação de qualidade são destacados em entrevista por Maria Flor Pedroso, jornalista da Antena 1 e presidente do Clube de Jornalistas. Ao colocar “o foco nas questões relacionadas com a saúde e ao premiar aqueles que melhor contam essas histórias estamos a dar um contributo decisivo para um jornalismo de qualidade”, afirma.

DEPOIS DESTA SEXTA EDIÇÃO DOS PRÉMIOS “JORNALISMO EM SAÚDE”, QUE BALANÇO FAZ DA PARCERIA DA APIFARMA COM O CLUBE DOS JORNALISTAS?

Fazemos um balanço muito positivo. Ao longo destes anos, o jornalismo em saúde tem tido uma maior atenção, que o Prémio só vem reforçar. A qualidade e quantidade dos trabalhos apresentados, não apenas os premiados, são disso exemplo. Esta é uma parceria que queremos e devemos aprofundar porque contraria o que de pior se passa nas redacções, que são cada vez mais curtas, que têm de trabalhar mais em cima do tempo, ao segundo, e com menos tempo de reflexão. O que esta parceria pretende fazer é dar um sinal para a classe e para as empresas de comunicação social de que vale a pena investir nesta área, porque pode vir a ser reconhecida pelos pares. Reconhecida não só pelos jornalistas, mas também pelos profissionais de saúde, os que vivem a saúde: médicos, enfermeiros, auxiliares da saúde, essenciais para que centros de saúde e hospitais funcionem.

DE QUE FORMA PODE ESTA INICIATIVA AJUDAR A ENALTECER O PAPEL DO JORNALISMO EM PORTUGAL?

Já ajuda. Porque ao termos o foco nas questões relacionadas com a saúde e ao premiar aqueles que melhor contam essas histórias estamos a dar um contributo decisivo para um jornalismo de qualidade.

Este prémio obriga as redacções a organizarem-se para ter jornalistas alocados à área da saúde. Estas reportagens que foram premiadas não são de actualidade estrita, são grandes reportagens que exigem um outro tempo e reflexão. Como sabemos, hoje as redacções são muito mais reduzidas e não têm, como no início dos anos 90, o objectivo de especializar jornalistas. Todos fazem tudo.

O jornalista é especialista em coisa nenhuma e tem de estar preparado para pensar, escrever, falar e dar a conhecer sobre tudo. Contudo, na saúde, há questões que têm muito que ver com conhecimento, com o domínio das inovações e tecnologias. O jornalismo também é isso: a necessidade de traduzir a realidade e a inovação em saúde para um público que cada vez quer conhecer melhor esta área. Se não se sabe do que é que se está a falar, o que são cuidados continuados, cuidados paliativos, os exames de diagnóstico, como é que se pode reportar? Faz falta alguma especialização para perceber a especificidade na área. O que notamos é que o nível de conhecimento tem sido crescente. Temos visto isso nas várias edições e nas reportagens que foram premiadas este ano também.

ESTES PRÉMIOS ESTENDEM-SE, TAMBÉM, A RECÉM-LICENCIADOS EM COMUNICAÇÃO SOCIAL E JORNALISMO. CONSIDERA QUE PODERÃO FUNCIONAR COMO UM IMPULSO PARA A FORMAÇÃO DE UMA NOVA GERAÇÃO DE JORNALISTAS?

Estamos a criar uma apetência para uma área específica do jornalismo. Talvez não a formação de uma nova geração de jornalistas, mas pelo menos estamos a dar um impulso aos jovens jornalistas para se interessarem por esta área. O facto de termos criado este Prémio em parceria com a APIFARMA – responsabilidade do Clube de Jornalistas de há seis anos para cá – colocou o enfoque no jornalismo de saúde como área fundamental. E com profundidade, porque o prémio a isso obriga. Queremos acreditar que o jornalismo em Saúde passou a ter um reconhecimento dos profissionais de ambos os sectores, saúde e jornalismo, que talvez não tivesse antes.

QUAL A IMPORTÂNCIA DE UM PRÉMIO COMO ESTE PARA UM JORNALISTA?

Um prémio é sempre uma distinção. Por muito que o essencial do trabalho jornalístico não seja o prémio, ter a possibilidade de poder concorrer, ser avaliado por um júri de excelência e ver o seu trabalho analisado à lupa ser distinguido, é uma felicidade. O Prémio é um incentivo para continuar a trabalhar com rigor e a investigar uma área inesgotável, além do reconhecimento público de um trabalho de enorme qualidade.



DEPOIS DE DUAS NOVAS CATEGORIAS QUE FORAM INCLUÍDAS ESTE ANO – O GRANDE PRÊMIO E O PRÊMIO CARREIRA – O PRÊMIO DE “JORNALISMO EM SAÚDE” VAI, JÁ A PARTIR DA PRÓXIMA EDIÇÃO, CRESCER EM CATEGORIAS E TERÁ UM MAIOR INVESTIMENTO. CONSIDERA QUE ESTE É UM SINAL DE RECONHECIMENTO PARA OS TRABALHOS JORNALÍSTICOS NA ÁREA DA SAÚDE?

Sem dúvida. Essa decisão foi tomada precisamente pelo impacto que estes prêmios têm tido quer no jornalismo quer na saúde. Ainda para mais, o Prémio tem um júri de enorme experiência quer no jornalismo quer na área da saúde.



ELEITA PRESIDENTE, HÁ MENOS DE UM ANO, DO CLUBE DE JORNALISTAS (CJ), COMO TEM ENCARADO ESTE DESAFIO?

Este é um Clube de jornalistas. Sabemos como são hoje as redações, o ritmo frenético ao segundo, a dificuldade em reflectir sobre o trabalho feito. Ora, o que temos tentado fazer é contrariar um pouco isto provocando espaços e momentos de encontro. Temos criado várias iniciativas, desde juntar os jornalistas mais antigos para discutirmos a noite eleitoral, a convocar os jornalistas para as Conversas de Jornalistas sobre a cobertura da guerra da Ucrânia, ou para fixar as memórias daqueles que contaram o 25 de Abril, ou juntar cinco gerações com experiências profissionais diferentes para entrevistar uma personalidade. No fundo, o desafio é proporcionar aos jornalistas uma plataforma de conversa, de troca de experiências e de encontro e de convívio e festa.

“Um dos desafios é saber distinguir a informação com rigor da informação manipulada.”

QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS DESAFIOS DO JORNALISMO PARA O FUTURO?

São os mesmos de sempre: o desafio principal é chegar às pessoas, com rigor, com independência, com pluralismo e com credibilidade. O jornalismo esteve sempre ameaçado. Claro que agora há mais ameaças, novas e mais insidiosas. As pessoas descrêm mais. As ameaças do jornalismo são as ameaças deste novo tempo, em que nos afastámos do papel e passámos para o digital e, mesmo aí, temos de captar o interlocutor, o ouvinte, o telespectador, aquele que procura informação de qualidade. Um dos desafios é saber distinguir a informação com rigor da informação manipulada. Mas não é novo. Quantas informações manipuladas ou censuradas não tivemos ao longo da nossa história? Tecnicamente, os desafios são diferentes, mas mentiras institucionalizadas sempre houve. Quero acreditar que informação de qualidade vai continuar a ser o futuro e que a de má qualidade será expulsa.

Qual o papel dos jornalistas na literacia em saúde?



| Catarina Marques

Jornalista da SIC

Prémio

Categoria Televisão

É cada vez maior. A saúde já era um dos temas centrais da atenção social, que se reflecte no espaço editorial que os meios de comunicação lhe dedicam. Com a pandemia, o peso dos jornalistas na literacia em saúde cresceu de forma significativa.

O trabalho jornalístico foi e continua a ser fundamental no esclarecimento acerca da COVID-19 e na prevenção da doença.

Encaro o jornalismo como um canal privilegiado de informação e formação, dirigido não só aos cidadãos, mas também aos decisores políticos, como chamada de atenção para temas que, sem cobertura jornalística, muitas vezes passariam despercebidos. Defendo um jornalismo alerta e construtivo. O tema dos cuidadores informais, assim como o da importância das artes, da música e do humor no processo terapêutico, que trabalhei em reportagem, são temáticas que muitos desconheciam e exemplos do papel fundamental que os jornalistas têm na literacia em saúde.



| Rui Vieira Cunha

Universidade do Porto

Prémio

Categoria Universitário

Os jornalistas têm um papel fulcral na literacia em saúde, uma vez que são eles os responsáveis por fazer a ponte entre os profissionais de saúde e especialistas com os cidadãos. Mais ainda numa era em que se pode ter acesso a milhares de conteúdos sobre saúde a um clique de distância, conteúdos esses que — em boa parte — contêm informações que não correspondem à realidade.

Neste cenário, cabe aos jornalistas garantir uma informação verdadeira, rigorosa, clara e que torne a linguagem técnica dos profissionais de saúde numa linguagem perceptível por todos.



| Vânia Maia

Jornalista da Visão

Prémio

Categoria Imprensa

O contributo dos jornalistas ao nível da literacia em saúde é absolutamente essencial. Os jornalistas são verdadeiros agentes de saúde pública ao serviço do esclarecimento da população. Esta posição de destaque implica uma grande responsabilidade no tratamento de temas relacionados com a área da saúde - um erro, e subsequente desmentido, pode ter efeitos catastróficos na confiança das pessoas. O sucesso desta missão jornalística também depende, em certa medida, da qualidade da informação prestada pelas autoridades de saúde. Ao mesmo tempo, é imprescindível que jornalistas, cientistas e agentes de saúde estabeleçam um diálogo profícuo no sentido de desmistificarem a informação que pretendem fazer chegar ao grande público. Sem esta parceria entre o jornalismo e a academia a promoção da literacia em saúde torna-se muito mais complicada. E, por isso, é indispensável que as autoridades e os profissionais de saúde reconheçam, e valorizem, a relevância do papel desempenhado pelo Jornalismo em matéria de saúde pública.



| **Lúcia Gonçalves**
Jornalista da SIC

Prémio
Categoria
Grande Prémio

Sem cinismos, devemos reconhecer que pelo alcance da sua função o jornalista tem um enorme poder, que acarreta uma enorme responsabilidade e que tal deve ser exercida em algumas áreas da sociedade com espírito de missão.

Assim é na área da saúde a que a equipa se propõe.

O jornalista não só informa, mas também tem a capacidade de influenciar para atitudes e comportamentos de risco, estilos de vida.

O jornalista recebe informação médica, técnica e deve torná-la acessível e compreensível a todos os públicos, só dessa forma é que o seu trabalho é eficaz.

Acredito que o jornalista tem a capacidade de ajudar a combater, com o acesso a fontes credíveis e com o apoio dos profissionais de saúde, a pior doença e mais invisível: o medo e a ignorância.



| **Filipe Santa-Bárbara**
Jornalista da TSF

Prémio
Categoria Rádio

Os jornalistas são — e a pandemia veio provar isso — verdadeiros agentes de saúde pública e dizer isto é dizer muito do papel dos profissionais de comunicação social na literacia em saúde. Basta pensar que, quando a maioria da população mundial teve de se fechar em casa na luta contra da COVID-19, os jornalistas foram trabalhadores essenciais para, não só transmitir e questionar as informações oficiais das autoridades, mas também ajudar a decodificar o que era, afinal, o coronavírus.



| **Sofia Neves**
Jornalista do Público

Prémio
Categoria
Jornalismo Digital

Durante a pandemia da COVID-19, li uma frase que nunca mais esquecerei: “O jornalismo é uma vacina contra a ignorância” e acho que esta frase se torna ainda mais verdade quando falamos numa área tão importante como a da saúde. Se é verdade que os últimos anos nos vieram lembrar que a saúde — e os seus profissionais — são fulcrais para a sociedade, acredito que a pandemia parece ter servido para lembrar muitos da importância do jornalismo de qualidade e de como este nos ajuda a interpretar e perceber o complexo mundo em que vivemos. Em particular, o papel dos jornalistas no que toca à literacia em saúde passa muito por fazer a ponte entre profissionais de saúde, especialistas ou professores e a população e por manter na agenda pública temas que de outra forma eram esquecidos ou ignorados.

Como influenciam estes prémios o trabalho de um jornalista?



| Catarina Marques

Jornalista da SIC

Prémio

Categoria Televisão

Faço questão de que o rigor e a responsabilidade sejam basilares no meu trabalho como jornalista, ao qual me empenho com uma dedicação que diria ser “genética”, mas sem dúvida que os prémios são uma honra e uma motivação para continuar a fazer cada vez mais e melhor.

É também incontornável que muitos jornalistas trabalham em condições de precariedade que se estendem por largos anos, com uma remuneração que não é compatível com as exigências desta profissão, em termos de disponibilidade de horários, responsabilidade e conhecimento. Nestes casos, acredito que o reconhecimento que os prémios oferecem sejam um incentivo particularmente importante.

Para quem trabalha em televisão, como eu, um prémio recebido não se traduz num reconhecimento só meu, como jornalista, mas de uma equipa que envolve imagem, edição, grafismo e produção, entre outras áreas. O jornalismo televisivo é o resultado de muitas mãos e passa também pela decisão da coordenação e direcção em entregar aos jornalistas tempo para trabalhar temas que exigem mais dias de reportagem e edição. A SIC tem-me dado essa possibilidade, o que muito valorizo. Graças à confiança que é depositada no meu trabalho, todos os dias ponho à prova a dose de fascínio e respeito que o jornalismo deixa no meu colo. E espero continuar a fazê-lo durante muito tempo.



| Rui Vieira Cunha

Universidade do Porto

Prémio

Categoria Universitário

Receber um prémio é sempre muito gratificante. Quando se está ainda numa fase de aprendizagem para exercer a profissão, é ainda mais estimulante e, para quem vê o jornalismo como um serviço público, é uma motivação saber que estamos, de alguma forma, a criar impacto.



| Vânia Maia

Jornalista da Visão

Prémio

Categoria Imprensa

Não creio que os prémios influenciem a agenda de um jornalista. Aliás, creio que os prémios são um excelente instrumento para procurar dar destaque a temas que os jornalistas consideram relevantes de antemão. Acredito que estas distinções dizem menos sobre os jornalistas premiados e mais sobre a importância dos temas abordados. Agora, é inegável que os prémios também funcionam como um incentivo para fazer mais e melhor. Por mais subjectiva ou circunstancial que seja a avaliação de um júri, ela representa, inevitavelmente, uma responsabilidade acrescida.



| Lúcia Gonçalves

Jornalista da SIC

Prémio

Categoria

Grande Prémio

São um reconhecimento da sociedade que serve de estímulo ao profissional e à estrutura da empresa de comunicação social para continuar a apostar em trabalhos que por vezes exigem muita disponibilidade de tempo e recursos para serem feitos com a exigência a que a equipa se propõe.

Este prémio em concreto fez-me recordar, muitos meses depois, as 24 horas vividas no fio da navalha com dois colegas repórteres de imagem nos cuidados intensivos do Hospital de São João. O prémio pode imprimir uma certa notoriedade que ultrapasse a banalidade dos dias, para que, no futuro, alguém ao ver este trabalho não duvide dos combates que foram travados contra a COVID-19.



| Filipe Santa-Bárbara

Jornalista da TSF

Prémio

Categoria Rádio

Influenciam muito positivamente, não há como negar. Primeiro, quem é que não gosta de ser reconhecido pelo seu trabalho? Depois, na sequência desse reconhecimento, vem um alento que muitas vezes falta para trabalhos de fundo e que tantas vezes são feitos à custa de um esforço extra do jornalista.



| Sofia Neves

Jornalista do Público

Prémio

Categoria

Jornalismo Digital

Numa altura em que os órgãos de comunicação social em Portugal enfrentam grandes dificuldades, que se manifestam depois na precariedade ainda tanto associada à profissão, este reconhecimento e os prémios que o acompanham são um incentivo para que os jornalistas saiam das redacções, façam perguntas, corram atrás de histórias que muitas vezes se perdem na espuma dos dias.

Quais são os maiores desafios do jornalismo para o futuro?



| Catarina Marques
Jornalista da SIC

Prémio
Categoria Televisão

Penso que o grande desafio passará por conseguir equilibrar a exigência de rapidez com a qualidade de informação, numa conjuntura em que o imediatismo tem um peso esmagador e as notícias falsas prosperam.

O tempo em que se esperava pela hora do jantar para ver as notícias na televisão já não existe. A internet, a tecnologia e os telemóveis tornaram o acesso à informação instantâneo e esta realidade trouxe grandes riscos ao jornalismo. Perante o peso das audiências e a atracção do directo, torna-se um desafio constante garantir o tempo necessário para confirmar a informação, fugir à avalanche de *voyeurismo* e procurar a relevância informativa, de forma a honrar esta que é, na minha opinião, uma das mais nobres profissões. É muito importante que não se perca o jornalismo de investigação e o escrutínio a todos os níveis de poder. Para isso, é necessário que os jornalistas tenham espaço e tempo de reportagem, é preciso garantir remunerações dignas e condições adequadas à exigência do trabalho, nomeadamente em ambientes hostis, como os de guerra, por exemplo.

Outro dos desafios é o de nos ajustarmos à rápida mudança tecnológica e trabalhar com uma linguagem e técnicas cada vez melhor adaptadas às plataformas digitais.



| Rui Vieira Cunha
Universidade do Porto

Prémio
Categoria Universitário

O jornalismo é, infelizmente, uma profissão em crise profunda. Perante isto, os desafios que enfrenta são imensos. A começar pela parte económica que ameaça a sobrevivência dos órgãos de comunicação, dos postos de trabalho e do bom jornalismo (que é caro). Como se não bastasse, os jornalistas vêm-se confrontados com a pressão do tempo e da pressa para publicar numa época em que o trabalho dos jornalistas gira cada vez mais em torno do digital.

De acrescentar que um grande desafio, principalmente quando se fala de jornalismo de saúde, é também enfrentar as teorias que contaminam o espírito crítico duma franja da população, que parece só apreciar o jornalismo que diz aquilo que vai ao encontro dos seus interesses e despreza a informação verdadeira e rigorosa.



| Vânia Maia
Jornalista da Visão

Prémio
Categoria Imprensa

Creio que não há páginas disponíveis suficientes para abordar este assunto. Há anos que o modelo de negócio da comunicação social enfrenta uma crise profunda. E não parece existir uma solução única para a reinvenção da estratégia de financiamento do jornalismo. Estará a resposta no mecenato e em bolsas? Nas subvenções estatais? No aumento das subscrições digitais? Na cobrança de direitos de autor às gigantes tecnológicas? Num regime fiscal mais favorável para as empresas de comunicação social sem fins lucrativos? A solução poderá passar por tudo isto, por muito mais do que isto ou por nada disto. Por outro lado, numa época de desinformação massiva, o Jornalismo está obrigado a provar a sua relevância. Os dados do Digital News Report Portugal de 2022, da responsabilidade do Reuters Institute for the Study of Journalism, em parceria com o OberCom, não são animadores, sobretudo ao nível do desinteresse dos mais jovens por estarem informados. Cabe aos órgãos de comunicação social lutar pela sua credibilidade, sem se deixarem iludir, ou confundir, por territórios que não lhes pertencem, como o entretenimento ou a emoção vazia de informação. A aposta na literacia mediática deve ser prioritária, não só para as pessoas aprenderem a identificar tudo aquilo que procura fazer-se passar por jornalismo sem o ser, mas também para se confrontarem com o papel do Jornalismo enquanto garantia essencial da Democracia. É tempo de os jornalistas ouvirem as únicas pessoas que devem servir os leitores/ouvintes/espectadores — e irem ao seu encontro, com os pés na estrada.



| Lúcia Gonçalves

Jornalista da SIC

Prémio
Categoria
Grande Prémio

As pressões sobre os sistemas de saúde serão cada vez maiores. Seja por causa de uma pandemia, seja devido à falta de recursos, seja porque a longevidade da população coloca novas exigências, parece que o nosso mundo entrou num carrossel e nunca mais saiu.

O jornalismo terá de estar vigilante e acompanhar estas novas dimensões, que também propiciam a entrada de novos protagonistas, que devem merecer o olhar atento dos jornalistas.

A pressão das redes sociais continuará, assim como o rolo compressor dos ciclos informativos de 24 horas que esmaga muitas vezes a capacidade de uma reacção mais estruturada, cuidadosa perante determinados acontecimentos.

Um dos desafios mais graves irá continuar a levantar-se através da desinformação levantada por vários agentes e da contaminação produzida pelas *fake news*.

A sustentabilidade do jornalismo também é uma preocupação. Os modelos de negócios nos quais estão assentes as empresas, cuja arquitectura está muitas vezes comprometida, poderá tornar as redacções mais vulneráveis à entrada de interesses comerciais e políticos.

E entretanto, estou certa, a importância do jornalismo continuará a crescer na área digital.

E nesse sentido, até devido à pandemia, conteúdos relacionados com a saúde, bem-estar, longevidade, vão aumentar o seu espaço.



| Filipe Santa-Bárbara

Jornalista da TSF

Prémio
Categoria Rádio

Como jornalistas, temos a vontade (ou até missão!) de dar as notícias bem e rapidamente, sermos os primeiros, mas se isso é bom por um lado, é mau por outro. Parece o maior dos lugares comuns, mas nunca é demais lembrar que os jornalistas são cada vez menos e têm cada vez menos tempo para fazer o que quer que seja, o que nos leva muitas vezes a não fazer o trabalho da forma mais rigorosa possível. Estamos sempre a balançar: "Isto está bom assim ou vou ouvir mais alguém, procurar mais contexto? Mas se vou ouvir alguém, a concorrência já vai pôr no ar e sou ultrapassado". É uma ginástica diária...

Além disso, poder fazer um trabalho de fundo, uma grande reportagem ou uma investigação, infelizmente, é um luxo ao alcance de poucos jornalistas.

Sintetizando, o maior desafio passa por encontrar um modelo de negócio que permita aos jornalistas serem mais e mais bem pagos para que haja pessoas suficientes para trabalhos com profundidade, outros para *hard* e *breaking news*. São precisos mais braços e, sobretudo, mais cabeças a pensar nas redacções para que se possa fazer um jornalismo de qualidade e que acrescente. Como é que se faz isso e se tem uma empresa rentável em 2022? É a pergunta de (bem mais que) um milhão de euros e para a qual não tenho resposta.



| Sofia Neves

Jornalista do Público

Prémio
Categoria
Jornalismo Digital

Penso que um dos principais desafios do jornalismo para os próximos anos é captar a atenção dos leitores numa altura em que a abundância de informação é esmagadora. Relacionado com este ponto, penso que combater as *fake news* e a velocidade a que viajam num jornalismo cada vez mais digital também será um dos desafios da nossa profissão para os próximos tempos. Por fim, encontrar espaço e tempo na agenda diária para grandes histórias e encontrar novas formas de as contar, recorrendo cada vez mais às novas ferramentas que estão ao nosso dispor: as imagens, o vídeo, a infografia e o som.

Como é que o jornalismo foi vivido em tempos de pandemia?



| Catarina Marques
Jornalista da SIC
Prémio
Categoria Televisão

Houve uma necessidade de uma rápida e profunda readaptação do nosso trabalho: desde a reorganização das equipas que passaram a estar dedicadas quase a 100% ao tema da pandemia, à divisão do trabalho entre à distância e na redacção, à opção pela realização de entrevistas através de videochamadas, num registo impensável antes da Covid-19.

No terreno, conseguiu-se uma cooperação entre os vários órgãos informativos, numa mostra de união inédita e que muito nos orgulhou, já que, perante as limitações exigidas pela pandemia — em particular em termos de distanciamento social e limitação de acesso a espaços — só convergindo esforços garantíamos que todos os meios tinham acesso às imagens e testemunhos de que necessitávamos para trabalhar.

Algumas destas práticas acabaram por ser adoptadas já em fase pós-confinamento, ainda que com outra regularidade e ajustadas às necessidades actuais de informar.

Por outro lado, tivemos que gerir de forma ainda mais cuidada o dever de informar, face a um escrutínio e a uma reactividade exacerbadas pela conjuntura de ansiedade e medo, em que os próprios especialistas na matéria também procuraram encontrar a melhor resposta, já que todos estávamos perante uma doença nova e uma realidade desconhecida.

Penso que esta capacidade de reacção e a solidariedade entre todos os jornalistas — e no fundo da sociedade em geral, que se expressou em tantos actos de cooperação e apoio — ficarão para a história e na memória de todos nós.



| Rui Vieira Cunha
Universidade do Porto
Prémio
Categoria Universitário

Podendo falar apenas como estudantes de jornalismo, a pandemia, que surgiu quando o grupo estava ainda no segundo ano, apresentou-se como um grande desafio. Treinar a prática de jornalismo entre quatro paredes, para depois passar a estagiar no JPN em regime misto (alternando entre redacção e teletrabalho), trouxe consigo uma série de entraves, como uma avalanche de informação constante e dificuldade no acesso às fontes.

Ainda assim, na reportagem sobre a Síndrome de Tourette que foi nomeada, consideramo-nos uns sortudos, com entrevistados que nos receberam nas suas casas de braços abertos.



| Vânia Maia
Jornalista da Visão
Prémio
Categoria Imprensa

Perante uma crise de saúde pública sem precedentes, durante o nosso tempo de vida, o bom jornalismo foi um aliado essencial na tentativa de esclarecer a população em tempos de pandemia, ainda que a incerteza dificultasse a sua tranquilização. As redacções tiveram de adaptar-se, rapidamente, a novos métodos de funcionamento e, com equipas que há anos se vêm tornando mais curtas, (quase) todos foram obrigados a tornar-se especialistas instantâneos na área da saúde. Creio que a colaboração entre jornalistas e cientistas foi fundamental para conseguir informar melhor o público, apesar de o processo não ter sido isento de falhas. Não tenho dúvidas de que foi feito muito bom jornalismo durante esse período. Infelizmente, nem sempre é o melhor jornalismo que tem mais visibilidade. Também os jornalistas fizeram questão de estar na linha da frente, sem compensações adicionais por isso, além de informar o melhor possível. Ainda assim, creio que é inevitável referir que a desorientação inicial provocada pela pandemia perturbou o espírito crítico das redacções, que nem sempre questionaram tanto quanto deveriam. Acredito que muitos jornalistas ainda não recuperaram do esforço que desenvolveram durante os períodos mais críticos da pandemia e creio que isso deveria preocupar as direcções dos órgãos de comunicação social. Em suma, em tempos de pandemia, o jornalismo viveu-se com muito espírito de sacrifício e um enorme sentido de responsabilidade.



| Lúcia Gonçalves
Jornalista da SIC
Prémio
Categoria
Grande Prémio

Com um enorme sentido de responsabilidade.

Para mim, “esta foi a minha guerra”. Nunca parei de trabalhar.

Foi o momento de exercer a minha profissão ao serviço da população, numa dimensão e num cenário inédito.

Foi muito gratificante. Tinha o dever de ser rigorosa e exigente comigo, como nunca fui. Profissionalmente e até a nível físico.

Tal como os profissionais de saúde, corri riscos, assim como outros colegas, numa época ainda sem vacinas, mas era fundamental mostrar, relatar, informar a partir da linha da frente onde a luta pela vida estava a ser travada todo os dias.

Considero, por isso, que durante a pandemia o papel e a credibilidade dos jornalistas saíram reforçados.



| Filipe Santa-Bárbara
Jornalista da TSF
Prémio
Categoria Rádio

Foi estranho, sobretudo nos primeiros meses, mas veio acelerar muitos processos nas redacções. Se, por um lado, havia a questão de não haver contacto com outros jornalistas porque a maioria estava em teletrabalho, por outro veio acelerar a capacidade tecnológica de muitos profissionais e isso foi, sem dúvida, uma coisa boa.

No entanto, é preciso também ressaltar que, com todas as limitações decorrentes dos confinamentos, era também difícil chegar às histórias e aos protagonistas fora das vias oficiais. Além de que, a actualidade da COVID-19 foi muito intensa e muita coisa importante ficou para trás porque, praticamente, só a pandemia tinha espaço.

No meu caso, como jornalista dedicado à política nacional, passei os confinamentos todos na rua a acompanhar os decisores, em termos práticos do meu trabalho diário não senti uma grande diferença. Ainda assim, no geral, sinto que houve, de facto, uma mudança como que um “toque a rebate” para o serviço público dos *media*. Creio que, apesar de tudo, a pandemia veio trazer a todos a certeza de que o jornalismo é fundamental e isso é sempre uma boa notícia.



| Sofia Neves
Jornalista do Público
Prémio
Categoria
Jornalismo Digital

Tal como aconteceu com dezenas de profissões, a pandemia de COVID-19 foi um tempo de aprendizagem para os jornalistas. Todos os dias éramos confrontados com novas informações que tínhamos que explicar, da forma mais clara possível, aos leitores. Foi uma altura em que, diariamente, tentávamos encontrar um equilíbrio entre informar a população sobre o que estava a acontecer no país e no mundo e tentar conter o alarmismo que surgiu nos primeiros tempos e nas piores alturas — uma das grandes responsabilidades do jornalismo.

A maior parte dos conteúdos noticiosos passaram a ser sobre a COVID-19, os *media* tiveram um papel central para explicar que doença era esta, mas também as consequências que estava a ter em vários sectores da sociedade, desde a educação ao trabalho.

Neste ponto, não posso deixar de destacar o papel dos especialistas nas diversas áreas, desde a infectologia, virologia e pneumologia, mas também dos professores universitários e os profissionais de saúde, que nos ajudaram a esmiuçar temas quase sempre complexos e a explicá-los a vários públicos. Acima de tudo, penso que nos meses mais críticos da pandemia, além de servir de veículo da informação oficial, o jornalismo serviu para ajudar a população a adequar comportamentos, muitas vezes preventivos, perante uma doença que, numa primeira fase, tinha tanto de assustadora como de desconhecida.

EM DESTAQUE

PODCAST APIFARMA

CLIQUE AQUI PARA OUVIR



O jornalismo como agente da saúde pública

Na 6.ª edição dos prémios “Jornalismo em Saúde”, entregues no passado mês de Junho, sete jornalistas foram premiados pelos seus trabalhos nesta área. A importância de informar de forma clara e credível a população e o peso destes prémios no trabalho de um jornalista marcaram o podcast mensal da APIFARMA “Pela Sua Saúde”, que contou com a participação de dois dos vencedores: Lúcia Gonçalves e Filipe Santa-Bárbara.

Na conversa, moderada pelo jornalista Markus Almeida, a jornalista da SIC Lúcia Gonçalves – distinguida com o Grande Prémio pela reportagem “Estado Crítico” – relembrou como os défices de conhecimento da população na área da saúde levam, muitas vezes, a que a procura de informação seja feita nas redes sociais, “onde não há filtro” e “onde aparecem as ditas *fake news*”. Esse é, para si, um dos motivos pelos quais o papel do jornalista é fundamental enquanto agente de saúde.

Ainda sobre a importância do papel dos jornalistas em informar a população sobre temas de saúde, Lúcia Gonçalves ressalva a relevância de ter, nestes trabalhos, o doente a contar a história. Filipe Santa-Bárbara, vencedor na categoria Rádio com a reportagem “Apontados a Dedo”, partilha a opinião e acrescenta que “a chave é mesmo a questão da representatividade”.

Para o jornalista da TSF estes prémios, uma parceria da APIFARMA com o Clube de Jornalistas, trazem alento e mais motivação para fazer trabalhos com “mais pesquisa, mais fôlego e mais cuidado”.

Ao longo deste podcast foi também debatido o tema das *fake news*, que Lúcia Gonçalves defende que se deve combater “tentando ouvir os melhores, as pessoas que trabalham na área” e recolhendo informação junto de fontes credíveis. “É a única forma de combatermos isso”, acredita. Filipe Santa-Bárbara adianta ainda a necessidade de existir um trabalho conjunto, onde os jornalistas e as autoridades colaborem para permitir aos cidadãos ficarem mais e melhor informados.



Lúcia Gonçalves
Jornalista da SIC



Filipe Santa-Bárbara
Jornalista da TSF

ENTREVISTA APIFARMA

CLIQUE AQUI PARA VER



Dulce Salzedas

Dulce Salzedas, a jornalista da SIC a quem foi atribuído o Prémio Carreira do Prémio de Jornalismo em Saúde, é a entrevistada de Julho da APIFARMA. Uma distinção que deixou a jornalista “extraordinariamente feliz”, também por ter sido inesperadamente atribuída a quem “ainda não terminou a sua carreira”.

“A saúde é uma área sem a qual, nós, cidadãos, não conseguimos ter uma boa vida”, sustenta, pois são a “saúde e a educação [que] fazem evoluir as sociedades”. Foi “essa importância que me espichou a gostar deste tema — e de ainda gostar”, explica.

Dulce Salzedas acredita que a “comunicação é das coisas mais importantes para a saúde” e alerta para a cada vez maior existência de *fake news* neste domínio, quer “sobre medicina, quer sobre tratamentos”, por exemplo. A solução para contrariar os seus efeitos negativos é “empoderar o cidadão com conhecimentos e informação sobre saúde”.

A entrevista passou também pelas reformas no sector. A jornalista da SIC, que há mais de 30 anos vem acompanhando



esta área, assistindo “de fora”, considera que “tudo é cíclico — andamos há 20 e muitos anos a discutir as mesmas coisas e depois não as solucionamos, fazemos o diagnóstico e depois não resolvemos os problemas”, sendo, por isso, urgente a reforma da saúde. Até porque “quanto mais tempo empurramos a solução, mais difícil se torna depois resolver os problemas”, afirmação que concretizou com o exemplo da obstetrícia, problemática que vem desde há 10 anos e que agora se “avolumou”.

Outro tema referido foi a entrada de medicamentos inovadores no mercado, que apelidou de “extremamente lenta e burocrática”.



Legislação Julho 2022

Comissão Técnica de Vacinação

A **Portaria n.º 174/2022, de 6 de Julho**, regulamenta as competências e o modelo de organização e funcionamento da Comissão Técnica de Vacinação (CTV).

Dispositivos Médicos para Diagnóstico *in vitro* (DIV)

1. No âmbito da implementação do Regulamento (UE) 2017/746 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 5 de Abril, relativo aos dispositivos médicos para diagnóstico *in vitro*, foram publicados, no passado dia 20 de Junho, os Regulamentos de execução referentes aos laboratórios de referência no domínio dos DIV:

2. O Regulamento de Execução (UE) 2022/1107 da Comissão, de 4 de Julho de 2022, estabelece as especificações comuns para determinados dispositivos médicos de diagnóstico *in vitro* da classe D, em conformidade com o Regulamento (UE) 2017/746 do Parlamento Europeu e do Conselho.

- **Regulamento (UE) 2022/944:** Estabelecimento de regras de aplicação do Regulamento referido anteriormente no que diz respeito às tarefas dos e aos critérios aplicáveis aos laboratórios de referência da União Europeia;

- **Regulamento (EU) 2022/945:** Estabelecimento de regras de aplicação do Regulamento referido anteriormente relativo às taxas que podem ser cobradas pelos laboratórios de referência da EU.



